

**Filosofia do Cuidado (Kisalu) na Arte de Cuidar das Crianças (Kindezi):  
Contribuições da Cosmologia Bantu- Kongo<sup>1</sup>**

**Philosophy of Care (Kisalu) in the Art of Caring for Children (Kindezi):  
Contributions of Bantu-Kongo Cosmology**

Sérgio Gabriel Concença Correia<sup>2</sup>  
Orientação: Érico Andrade Marques de Oliveira<sup>3</sup>  
Coorientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Janayna Silva Cavalcante de Lima<sup>4</sup>

**RESUMO:**

Este trabalho aspira refletir sobre os aspectos fundamentais do pensar *Bantu-Kongo* referentes ao entendimento de Cura [N'kisi] como elemento filosófico e organizador da cosmologia entre os *Kongo*, para a conceituação de uma Filosofia do Cuidado [Kisalu] em consonância com pensador congolês Bunseki Fu-Kiau. Tais perspectivas, vivenciadas em parte do continente africano, foram recriadas nos deslocamentos para os territórios afrodiáspóricos, como o Brasil, e por meio desta continuidade situam a ancestralidade em destaque. Apesar das intenções coloniais prescritas nos primeiros trabalhos de linguistas e filósofos referente aos Bantu e do epistemicídio largamente praticado pelas ciências humanas no Brasil no século XIX, evidenciamos os terreiros de Candomblé-Angola como espaços de formação sobre aspectos do pensamento africano que se distanciam radicalmente de metafísicas e éticas desenvolvidas pelo pensamento ocidental. Assim, estabelecem-se, no texto, conexões entre o pensamento africano, pensamento indígena e negros brasileiros numa ideia circular bantu-kongo em que as pessoas chegam ao mundo como um sol vivo e podem intervir nele a partir de Kindezi (A arte de cuidar de uma criança) construindo uma perspectiva pluriontológica nos caminhos de *Tukula* (mais alto

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja banca de defesa foi composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. Eduardo David de Oliveira, Profa. Dra. Janayna Silva Cavalcante de Lima, na seguinte data: 25 de março de 2025.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Licenciatura em Filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Email: [sergio.gabriele@ufpe.br](mailto:sergio.gabriele@ufpe.br)

<sup>3</sup> Professor Doutor adjunto do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, compõe o Departamento de Filosofia. Email: [ericoandrade@gmail.com](mailto:ericoandrade@gmail.com)

<sup>4</sup> Professora Doutora adjunta do Centro de Educação, compõe o Departamento de Ensino e Currículo – DEC. Email: [janayna.cavalcante@ufpe.br](mailto:janayna.cavalcante@ufpe.br)

estágio de criatividade e conhecimento) numa simetria dos aspectos do Cuidado.

**Palavras-chave:** Cosmologia Bantu-Kongo. Filosofias Africanas. Cuidado. Crianças

#### **ABSTRACT:**

This work aims to reflect on the fundamental aspects of Bantu-Kongo thought regarding the understanding of Healing [N'kisi] as a philosophical and organizing element of cosmology among the Kongo people, towards the conceptualization of a Philosophy of Care [Kisalu] in line with the Congolese thinker Bunseki Fu-Kiau. These perspectives, experienced in parts of the African continent, were recreated in the displacements to Afro-diasporic territories, such as Brazil, and through this continuity, highlight ancestry. Despite the colonial intentions prescribed in the early works of linguists and philosophers regarding the Bantu and the epistemicide widely practiced by the human sciences in Brazil in the 19th century, we highlight the terreiros of Candomblé-Angola as spaces of formation on aspects of African thought that radically distance themselves from metaphysics and ethics developed by Western thought. Thus, the text establishes connections between African thought, indigenous thought, and Black Brazilians in a circular Bantu-Kongo idea in which people come into the world as a living sun and can intervene in it through Kindezi (The art of caring for a child), building a pluriontological perspective on the paths of Tukula (highest stage of creativity and knowledge) in a symmetry of the aspects of Care.

Keywords: Bantu-Kongo Cosmology. African Philosophies. Care. Children

#### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

As linhas que se seguem neste trabalho se dão a partir das contribuições dos povos Bantu-Kongo, mais especificamente entre os Kongo, sistematizadas por Kimbwandende Bunseki Fu-Kiau, congolês iniciado em três escolas do pensamento tradicional do Kongo. Assumimos enquanto prioridade reflexiva o sistema bantu-kongo de pensamento, aqui aprofundando em alguns de seus princípios, como o cosmograma *Kongo (Dikenga dia*

*Kongo*), *dingo-dingo*<sup>5</sup> e a noção de *n'kisi*(cura) registrados no livro *The African Book Without a Title* [O livro Africano sem título], escrito em um contexto de descolonização das nações africanas nas décadas de 1960-1970. Assim como também será examinado o livro *Self-healing power and therapy: old teachings from Africa*[Poder da autocura e terapia: Antigos ensinamentos da África] em que registra o conhecimento do poder de *Kínsa* (curar/cuidar) enquanto uma chave filosófica que transborda o entendimento de vida e bem-estar diante de um *dingo-dingo* (processo) infinito, como o nascer do sol, num contexto educacional de uma *kalunga walunga mbungi* (ação que transborda o vazio) (FU-KIAU,2001). Nos interessa, também, abordar o movimento duplo de epistemicídio realizado sobre a cultura e conhecimento Bantu aqui no Brasil, devido à problemática inferiorização da cosmovisão Bantu em relação às demais tradições africanas, resultado da ampla e tumultuosa divulgação do pensamento de Placide Tempels no Brasil.

Apesar de sermos convocados paulatinamente a denunciar o *banzo*<sup>6</sup> histórico das linhas eurocêntricas com pretensa universalidade de cosmologias específicas, reunimos à fogueira epistêmica algumas das primeiras leituras e traduções negras feitas do Fu-Kiau no Brasil por Makota Valdina (1991), Mo Maiê (2016;2017) e Tiganá Santana Santos (2019), para esse trabalho pois acrescentam uma diversa possibilidade de entendimento de discussões pluriversais sobre humanidade, tempo, natureza, corpo, comunidade, ancestralidade, cuidado e alteridade.

Portanto, investigamos inicialmente as causas do epistemicídio Bantu para analisar parte dos aspectos da cosmologia Bantu-Kongo até chegar na noção de *n'kisi*(cura). A partir disso, relacionamos o entendimento do papel social-filosófico em *Kindezi* (arte de cuidar de crianças) a elaboração de uma filosofia do *Kisalu* (Cuidado) como uma perspectiva de filosofia da educação. Analiso as interpretações oferecidas por seus interlocutores já mencionados a fim de entender a perspectiva do Cuidado como uma gramática incorporada nos espaços que salvaguardam os princípios fundamentais da cosmologia bantu-kongo, mais especificamente no Candomblé Angola no Brasil.

Para estas etapas o trabalho assume uma metodologia de investigação bibliográfica sob a lente da *ancestralidade*, compreendida “enquanto uma categoria analítica que contribuiu para a produção de sentidos e para a experiência ética.” (OLIVEIRA,2012) de como se desenvolve a Filosofia Africana a partir de suas bases epistemológicas e culturais recriadas no Brasil.

---

<sup>5</sup> Criação, transformação e funcionamento (FU-KIAU,1994)

<sup>6</sup> origem do Kikongo, *Mbanzu*: lembrança, pensamento; ou do Kimbundu *mbanzo*: saudade, mágoa. Que será melhor explicado adiante.

Assim caminhamos pela obra de Fu-Kiau, incorporando os estágios do princípio cosmológico do Cosmograma Kongo (*Dikenga Dia Kongo*) (*musoni-kala-tukula-luvemba*) enquanto forma na organização dos tópicos que se seguem.

## 1. O ENTENDIMENTO UNIVERSAL DE BANTU

O termo “*Bantu*” é a junção da expressão linguística *ntu*, palavra antiga e que designa um significado aproximado de “princípio da existência de tudo”, conforme Cunha Júnior (2010, p. 26), para a raiz e *ba-*, marcando plural para o prefixo, significando assim “pessoas/povo”. Esta palavra, *Bantu*, passou a ser empregada pelos estudiosos da língua, inicialmente ao formular a origem das línguas faladas na África Central, próximo aos planaltos da Nigéria e da República dos Camarões, há cerca de 5.500 anos atrás. E a palavra *bantu*, um termo linguístico, passou a designar um conceito etnológico - povos bantu - e também um campo de estudos inicialmente ligado à antropologia europeia (NOTEN; COHEN; MARET, 2010). Tendo em vista os aspectos linguísticos, étnicos e culturais em que o termo *Bantu* foi classificado ao longo da história<sup>7</sup>, atualmente considera-se cerca de 500 línguas de origem Bantu (como quicongo, quimbundo e umbundo), abrangendo quase metade da África Subsaariana. Territorialmente, em entendimento anterior de *Bantu*, o termo compreendia numerosos povos agrupados por afinidade linguística, social, filosófica e cultural que estão localizados na África Central e Austral, atualmente, Camarões, Gabão, Congo, República Democrática do Congo (RDC), Zâmbia, Zimbabwe, Namíbia, Moçambique, Angola, África do Sul.

Posteriormente, como sinalizam os estudos de *F. Van Noten*, em colaboração de *D. Coben* e *P. de Maret* sobre a África Central, antropólogos, arqueólogos e historiadores tentaram atribuir a descoberta e manuseio da metalurgia à expansão bantu. Muito embora alguns pesquisadores reavaliem os métodos históricos utilizados para coletar evidências que detalham dados de datas e locais, na recuperação das histórias Bantu.

Alguns estudiosos depois do alemão W. Bleek em 1862 propuseram métodos e modos de classificação, alguns sistemas até interessantes sobre o mesmo tema, embora ainda assim quase todos consideram essas tentativas prematuras e não resultaram em uma concentração de materiais necessários para uma comparação genética ou tipológica das línguas africanas. Além da insuficiência de análises profundas, outro fator foi determinante para que as

---

<sup>7</sup> Acompanhar a sistematização feita pelo cientista político e linguista senegalês Pathé Diagne, considerando as reconstruções históricas das línguas africanas. (DIAGNE, P. 2010)

pesquisas não alcançassem seus objetivos, a perspectiva ideológica deformante, presente de forma massiva, nas perspectivas dos estudiosos europeus da linguística no continente africano, marcou um discurso embriagado de valores auto-referenciados nas civilizações europeias que simultaneamente encabeçou as expansões colonialistas.

Nenhuma das classificações estabelecidas no plano continental ou regional oferece, até agora, garantias científicas inquestionáveis. O etnocentrismo tem contribuído bastante para distorcer a análise do material. Em muitos casos, só nos restam conjecturas, petições de princípio e abordagens superficiais.(GREENBERG,2010,p.318)

Por outro lado, as “expansões bantu” aparecem em Fourshey, Gonzales e Saidi (2019) inicialmente enquanto um tema de estudo que representa os movimentos populacionais Bantu, rendendo intensos debates entre pesquisadores, que marcam historicamente cinco fases, de início datado por volta de 3500 a.C até até o atual e tomam como ponto de partida as primeiras comunidades construídas pelos falantes Bantu nos arredores da floresta equatorial da África Ocidental. Essas análises buscaram investigar as transformações culturais, econômicas, sociais e educacionais realizadas desde um pequeno grupo de antigos Bantu, falantes do Proto-Bantu, ao percorrer estas áreas florestais e puderam se expandir por um território muito extenso. Além disso, esse movimento populacional ocasiona uma intensa troca cultural de tradições, línguas, ideias, práticas e também princípios de pensamento entre os povos Bantu e não-Bantu<sup>8</sup>.

Sendo assim, chamamos atenção que estes primeiros estudos ainda alimentam um panorama intelectual que parte de referências insuficientes realizadas ao longo da produção sobre os povos habitantes dessa região. Assim, a produção contemporânea que veremos de Kimbwandende Bunseki Fu-Kiau no contexto da libertação do *Kongo* das forças coloniais da Bélgica no fim da década de 60 nos oferece uma remodelação das dimensões conceituais e aspectos fundamentais que usamos para referenciar o pensar *Bantu-Kongo*, ou *Bakongo* - palavra do *kikongo* na sua forma plural de *n'kongo* ou *mukongo* que significa *ser humano*, ao tratar-se de um dos grupos étnicos do continente africano. Usaremos esta forma para nos referir ao modo como os falantes da língua pensam as formações culturais e sociais tradicionais pré e pós-coloniais no contexto africano, até então generalizados como *Bantu*.

## 2. MUSONI: ENTRE NZILAS (CAMINHOS) FILOSÓFICOS AFRICANOS

---

<sup>8</sup> Apesar de algumas línguas não-Bantu estejam extintas, existem algumas pesquisas de autores, como a historiadora Kaim Klieman, com evidências arqueológicas e linguísticas que apontam a sua existência e as tensões, negociações sobre estrutura política e tradições culturais entre os Bantu.(KLIEMAN, 2003)

Sabe-se que uma das primeiras sistematizações e delimitação de um conhecimento filosófico próprio africano se refere aos *Bantu*. Um dos primeiros estudos antropológicos materialistas foi feito por um missionário belga chamado Placide Tempels que, a partir da obra *La philosophie bantoue* (A Filosofia Banto), publicada em 1945, popularizou o primeiro texto de filosofia africana. Esta obra, de maneira objetiva, apresenta a perspectiva de um sacerdote franciscano ao viver no Congo Belga (atual República Democrática do Congo) entre 1933 e 1946, descrevendo a cultura e pensamento dos Baluba, de origem Bantu, para o mundo ocidental moderno. A partir de uma lente ocidental o autor refere-se aos princípios culturais e sociais africanos sob uma régua civilizatória, ao pautar os *Bantu* como seres “primitivos” (TEMPELS,2016,p.29) pelo fato de não coexistirem com o sistema de civilização euro ocidental. Racionalidade essa largamente empregada na história da filosofia moderna sob o apoio do cristianismo católico-romano, para justificar os artifícios da colonização em instâncias física, cultural, subjetiva e cognitiva.

Em resumo, um dos destaques de sua obra é o endossamento do discurso religioso cristão ao se referir à condição da prática religiosa cristã como sendo um alicerce de manutenção de equilíbrio do ser,

Constatou-se frequentemente, que um Europeu que, no decorrer da sua existência, tenha abandonado toda a prática religiosa cristã, retoma-a facilmente logo que o sofrimento ou a agonia ressalte o problema da conservação e da sobrevivência ou da perda e destruição do seu ser. (TEMPELS,2016,p. 29)

Aqui temos rastros da perspectiva etnológica europeia. Ou seja, de forma categórica, a produção de “ser” por excelência é somente realizável sob a condição do processo de cristianização. No entanto, um pouco mais adiante, o autor chega a conclusão que mesmo após um processo civilizatório, a partir do cristianismo, os *Bantu* possuem suas próprias denominações que garantem uma espécie de amparo, ou equilíbrio em suas perspectivas ligadas aos seus sistemas culturais.

Do mesmo modo, constatamos que muitos dos nossos Bantu, evoluídos “civilizados”, ou seja cristãos, regressam à sua atitude anterior, sempre que estão sob pressão de aborrecimentos, de perigo ou sofrimento. Isso acontece porque os seus antepassados deixaram-lhes **a sua solução prática** do grande problema humano, do problema da vida e da morte, da salvação ou da destruição. (TEMPELS,2016,p.30)

Segundo Valentin-Yves Mudimbe, um respeitável filósofo congolês contemporâneo com textos importantíssimos para os estudos da filosofia africana, ao dimensionar os discursos produzidos sobre os africanos dentro do contexto colonial acentua o efeito danoso da obra de Tempels, ao considerar o papel decisivo desse texto em corroborar a subalternização e a

conversão religiosa, considerando-a não como uma obra filosófica, mas como um tratado de perspicácia religiosa (MUDIMBE,2013,p.76).

No primeiro quarto deste século, tornou-se evidente que o viajante se tinha tornado um colonizador e o antropólogo o seu consultor científico, enquanto o missionário, com mais veemência do que nunca, continuava, na teoria e na prática, a interpretar o modelo da metamorfose espiritual e cultural africana. (MUDIMBE,2013,p. 67)

Devido à grande circulação da obra, ao fato de ter inaugurado a apresentação da filosofia africana ao ocidente, assim como pela controvertida atribuição da ideia de Força Vital<sup>9</sup> atribuída a compreensão do ser africano, e também por marcar o início da produção filosófica escrita africana, sem relativizar o que Tempels considerava a missão objetiva que a civilização ocidental detém de civilizar o negro, sua obra foi alvo de intensas críticas.

Com uma metodologia etnográfica, em que o pressuposto é a compreensão verdadeira dos povos “primitivos” (NGOENHA,2019), Tempels inspirou Alexis Kagame, padre católico e filósofo Ruandês, que dez anos depois produziu uma reflexão aristotélica sobre a língua Kiryarwanda, com a mudança de *Força Vital* para *Ntu*, como ponto de partida do estudo do ser enquanto ser, na obra *A filosofia Bantu Ruandês do Ser*. Mais tarde, ambos foram responsáveis por terem iniciado a corrente etnofilosófica, caracterizando as produções que endossam as bibliografias dos etnólogos em compreender o ser humano africano em estudos superficiais, cujo conteúdo pretende universalizar a autonomia filosófica à uma etnia.

Por outro lado, com base no manual de Severino Ngoenha<sup>10</sup>, emergiram reflexões africanas com a intenção de enriquecer as bases de referência correspondentes ao pensamento filosófico africano, chamados de Críticos dos etnofilósofos. Franz Cahay, E.Boulaga, M.Towa e Hountondji que denunciam a redução da filosofia à religião. Entre eles, o Hountondji evidencia o papel da filosofia em deixar de ser uma visão coletiva do mundo ao distanciar-se da referência aos sistemas de crenças e mitos.

[...] a filosofia africana não está onde há muito que a procuramos, num canto misterioso da nossa alma supostamente imutável, uma visão de mundo coletiva e inconsciente à qual compete-nos a estudar e a reviver, mas que nossa filosofia consiste essencialmente no próprio processo de análise, naquele mesmo discurso através do qual estamos tentando obstinadamente nos definir[...] (HOUNTONDJ, 2024, p. 148)

Até aqui, destacamos entre a etnofilosofia e seus críticos, um dilema complexo quanto ao que se refere ao problema da determinação da filosofia africana como tal. Primeiro em relação às

---

<sup>9</sup>Apresentou este conceito como central de valor fundamental, identificável com a existência à ontologia Bantu e entre todos os “primitivos”, assim universalizando entre todas as sociedades africanas.

<sup>10</sup> NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana: das independências às liberdades*. Maputo: Edições paulinas. 1993

cosmovisões africanas ou as tentativas europeias de classificar a sacralidade e a religiosidade envolta nas tradições de povos africanos. É uma questão muito profunda, que põe em alvo o lugar das cosmologias africanas como perspectivas filosóficas, tendo em vista o histórico do missionário Tempels, no uso da Filosofia para propagar a cristianização, e dos críticos africanos em relação aos mitos e tradições africanas causando uma essencialização e generalização dos pensamentos africanos. Questões que mais adiante no fim do século XX o filósofo anglo-ganês Kwame Appiah discute atentamente quanto ao uso do termo *religião* para os contextos africanos antes e depois do período colonial. Appiah procura escapar dessa armadilha enquanto uma questão filosófica para a tradição africana e como isso enclausura os debates filosóficos dos críticos da etnofilosofia.

que a religião no Ocidente contemporâneo, grosso modo, é tão diferente do que é na vida tradicional africana, que enunciá-la nas categorias ocidentais equivale tanto a suscitar mal-entendidos quanto promover o entendimento (APPIAH,1997,p.156)

Sendo assim, buscamos um termo/categoria/conceito que pudesse referir-se a algo que fosse de entendimento mais acertado de fenômenos e comportamentos indissociáveis da vida cotidiana e da vida que os ocidentais chamam de religiosa, que é o termo *cosmologia*. No contexto deste estudo, é entendida como um conjunto de ideias e de práticas sustentadas por hábitos, práticas e comportamentos que compõem a vida pessoal e da sociedade, que fazem parte de dimensões constitutivas da vida, fossem integrantes ou não do que o ocidental chamaria de religioso. Ao que o filósofo e cientista político camaronês Achille Mbembe conceitua

Estudos recentes dedicaram-se a demonstrar que as cosmologias tradicionais constituíam sistemas dinâmicos e instrumentos que asseguravam aos seus utilizadores explicação, predição e controle dos acontecimentos que se desenrolavam no meio e no ambiente ecológico e social. A situação religiosa anterior às penetrações islâmico-cristãs ter-se-ia caracterizado por uma proliferação de espíritos quase domésticos que intervinham ao nível local (microcosmo) e que eram comuns aos conflitos da vida cotidiana (doença, sofrimento, sanções, tabus, etc.) (MBEMBE,2013,p.65)

A seguir, veremos como a compreensão de *cosmologia* é importante para entender a zona cinzenta a que foram relegados os saberes tradicionais e as estruturas do pensamento africano no processo de subalternização pela *religião* a partir do movimento forçado pela diáspora negra no Brasil.

### **3. KALA: DMENSÕES DO BANZU- DA CONDIÇÃO DO NEGRO AO NAGOCENTRISMO**

Uma vez tida como referência de humanidade o modelo eurocentrado definido como superior resulta numa subordinação de sujeitos não brancos e não ocidentais. Sabe-se que o processo de escravização a partir da diferença colonial, convertida em desumanização ao formatar as subjetividades diante da posição ocupada, é mediado principalmente pela violência de missões civilizatórias (FANON,1961). O psiquiatra e intelectual Frantz Fanon explicou o trauma colonial, ao descrever o elo da violência que inscreve a colonização e desumaniza o colonizado ao negar seu passado e seus valores em *Os Condenados da Terra*(1961) escrita durante a guerra na Argélia, e em seu texto *Racismo e Cultura*(2011/1956)

Exploração, torturas, razias, racismo, liquidações coletivas, opressão nacional, revezam-se em níveis diferentes para fazerem, literalmente, do autóctone um objeto nas mãos da nação ocupante... Este homem-objeto, sem meios de existir, sem razão de ser, é destruído no mais profundo da sua existência. O desejo de viver, de continuar, torna-se cada vez mais indeciso, cada vez mais fantasmático (FANON, 2011, p. 277).

São nos Estudos Culturais<sup>11</sup> ao explorar as ambivalências da cultura, poder, identidade e diferença, disputados nos estudos do pós-modernismo, que Stuart Hall, de raízes jamaicanas, tece um estudo na obra *Da diáspora – identidades e mediações* sobre as fragilidades das sociedades diante do colonialismo e suas consequências na pós-colonização para formação da identidade<sup>12</sup> negra na diáspora<sup>13</sup>, condição que marca as sociedades dominadas em que a diversidade fora pretexto para imposição de costumes, hábitos e culturas.

a colonização reconfigurou o terreno de tal maneira que, desde então, a própria ideia de um mundo composto por identidades isoladas, por outras culturas e economias separadas e autosuficientes tem tido que ceder a uma variedade de paradigmas destinados a captar essas formas distintas e afins de relacionamento, interconexão e descontinuidade. Essa foi a forma evidente de disseminação-e-condensação que a colonização colocou em jogo” (HALL,2002,p. 117)

No Brasil, entre 1550 e 1590 os africanos que desembarcam em Salvador/BA, principalmente do Reino do Congo, Dongo e Benguela (LOPES,2021,p.146) e levados até Pernambuco são os primeiros deslocados do continente para trabalho nos engenhos de cana no Nordeste. Os

---

<sup>11</sup> Campo de estudo fundamental no processo de compreensão das relações entre a cultura e o poder.

<sup>12</sup>“Acho que a *identidade cultural* não é fixa, é sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um ‘posicionamento’, ao qual podemos chamar provisoriamente de identidade”(HALL,2002 p. 432, 433)

<sup>13</sup> Neste quadro teórico, o entendimento de *diáspora* se alinha com o movimento histórico da colonização em que os negros africanos em tensão colonial migram para países do sul global, ou para as colônias(metrópoles) como o Stuart Hall depõe em entrevista, ao fim deste livro ao mencionar seu deslocamento para Inglaterra “a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada” (HALL,2002,p. 415)

africanos eram sequestrados, escravizados e direcionados a diferentes locais, nos quais eram submetidos a uma rotina que os inseria em um cotidiano de novas práticas religiosas no cristianismo. Em Pernambuco, por exemplo, em 1583 existiam colégios jesuítas (CRESSONI,2016) em que os missionários da Companhia de Jesus mandavam ler em latim, pregar e confessar “uma lição de casos, outra de latim, e escola de ler e escrever, prégam, confessam, e com os índios e negros da Guiné se faz muito fructo” (CARDIM, 1980,p. 164). Este trabalho era responsável em pôr em prática a lógica colonial de negação dos saberes africanos, dualismo do pensamento em que o par é dominado por outro (racional-irracional/ banco-preto/ moniteísta-politeísta), apagamento de suas crenças, esquecimento espiritual, desumanização, rompimento com as cosmovisões africanas a partir do instrumento da educação. Um processo formativo que reafirma a tendência de uma soberba racial europeia em apagar humanidades sob a lente ocidental. Processo esse que o teórico *Abdias do Nascimento*, nomeu de genocídio negro brasileiro, demarcando o fenômeno atuante do branqueamento<sup>14</sup> da população negra, através da aculturação, excluindo e perseguindo no sistema educacional, mercado de trabalho, político, social e cultural.

Para nosso jogo conceitual, utilizaremos o termo *Banzo*<sup>15</sup> na origem do Kikongo, *Mbanzu*: lembrança, pensamento; ou do Kimbundu *mbanzo*: saudade, mágoa, línguas do tronco linguístico Bantu, enquanto uma chave de interpretação, popularmente constituída no imaginário a partir da influência dos africanos falantes destas línguas aqui no Brasil. Conforme a série de aspectos que envolvem o processo sistemático de liquidação da população negra nos alinhamos à um entendimento contemporâneo de *Aza Njeri*<sup>16</sup> ao analisar o processo de tentativa de extermínio africano a partir do trabalho de Marimba Ani<sup>17</sup>, e conceituar o termo *Fratura Banzística* em sua dimensão epistêmica, física, espiritual, simbólica e cosmológica. Endossando como os africanos escravizados e seus descendentes estavam submetidos a um regime de racismo que condenava a diversidade e autonomia do pensar cosmológico

Fratura banzística é, assim, a quebra da subjetividade dos africanos, a partir da experiência da travessia transatlântica, onde embarcamos africanos e desembarcamos negros, destituídos de humanidade, mas prenes de Tradição Oral e enraizados em valores afrocivilizatórios que permitiram concretizar estratégias de permanência. [...a fratura banzística nunca calcifica. É uma

---

<sup>14</sup> "Nele se concentraram as esperanças de conjurar a "ameaça racial" representada pelos africanos. E estabelecendo o tipo mulato como o primeiro degrau na escada da branquificação sistemática do povo brasileiro, ele é o marco que assinala o início da liquidação da raça negra no Brasil.(NASCIMENTO, 1978, p.69-70).

<sup>15</sup> LOPES. Novo dicionário Bantu. p.46.

<sup>16</sup>Pós-doutora em Filosofia Africana/UFRJ

<sup>17</sup>Afro-americana com estudos na Antropologia da África, mais conhecida por sua obra *Yurugu*, uma crítica abrangente da cultura e pensamento europeus e por ter cunhado o termo "Maafa" para o holocausto africano.

ferida exposta tão dilacerante que para os desterrados da Amérikkka, soa como uma sensação de saudade do que nunca viveu, mas poderia ter vivido; uma espécie de vazío deixado pelo êxodo forçado dos nossos ancestrais.(NJERI,2020,p. 59)

Mesmo que essa *Fratura Banzística* não calcifique, as estratégias de resistência e as reinvenções sobre as formas de pensar e existir dos africanos e afro-brasileiros não foram ignoradas. Alguns trabalhos como o de Beatriz do Nascimento (2021), Nei Lopes (2021) e Kanbegele Munanga (2015) sistematizam estudos das contribuições dos Bantu no Brasil, em que destacam a importância das línguas kimbundu, umbundu e kikongo para a formação do português brasileiro.<sup>18</sup> A formação dos primeiros espaços de resistência à escravidão, os quilombos<sup>19</sup>, ao reconstruir o modelo africano Congo-Angola enquanto territórios de práticas africanas de entender a vida, a natureza, política e a comunidade. Detemos então ao fim do século XX essas informações de pesquisas que retratam linhas de força em que os negros demonstraram empenho em reconectar as suas memórias, suas línguas e culturas, assentadas em formas autônomas de interpretar e dizer o mundo de origem Bantu-Kongo. No entanto, no campo da religiosidade, as contribuições Bantu foram invisibilizadas e quando apareceram, nota-se uma valorização e centralidade da cultura e do panteão Jêje-nagô (Kêtu) nos estudos sobre religiões afro-brasileiras como o Candomblé. Nomes como Nina Rodrigues<sup>20</sup>, Arthur Ramos e Edson Carneiro são os primeiros estudiosos sobre o negro no Brasil, datam o fim do século XIX<sup>21</sup>, formaram essa primeira literatura antropológica que apesar de estabelecer algumas identificações das áreas culturais africanas que contribuíram na formação do Brasil, produziram e disseminaram a racionalidade subalternizante ao concluírem que a cultura Bantu era inferior às demais expressões. E só conseguiram compor esse quadro hierárquico em relação aos Bantu devido a sistematização e qualificação dos Bantu enquanto primitivos por Placide Tempels, a essa análise o Kanbegele Munanga escreveu:

[...] a área cultural bantu e suas contribuições no Brasil desde os trabalhos pioneiros de Ninas Rodrigues e dos seu discípulo Arthur Ramos foram consideradas como inferiores em relação às demais áreas comumente chamadas “sudanese”. (MUNANGA,2023,p. 44)

---

<sup>18</sup> Trabalhos como Yeda Pessoa, Lélia Gonzalez e Margarida Petter aprofundam sobre a influência Bantu na área da linguagem.

<sup>19</sup> Beatriz do Nascimento, Abdias do Nascimento, Kabengele Munanga discutiram melhor sobre os quilombos no Brasil.

<sup>20</sup> Conhecido pela tese do determinismo biológico, jurídico penal de pessoas negras ao retoma-se a criminologia positivista, no intuito de visualizar as origens da construção da imagem da mulher criminosa a partir de um discurso racializado.

<sup>21</sup> Logo após a abolição da escravatura, em que tentaram classificar a origem étnica dos grupos africanos, devido a destruição dos registros sobre o tráfico negreiro terem sido destruídos com a intenção de apagar o passado escravocrata.(RAMOS,1942.)

Esse quadro classificatório está ligado à ideia de "pureza nagô"<sup>22</sup>, que predominou desde o início do século XX até os anos de 1980. A ênfase na cultura nagô ocorreu devido à sua suposta fidelidade às tradições africanas, sendo considerada mais "autêntica" em comparação com outras vertentes, como o Candomblé de nação Congo-Angola, umbanda e a macumba.

De Nina Rodrigues até nossos dias, a categoria nativa de "pureza nagô" foi transformada em categoria analítica, o que reforçou o modelo jêje-nagô como referência nacional para a organização e valorização dos candomblés. Foram os intelectuais que insistiram que o culto jêje-nagô é o mais puro, mais autenticamente africano e, por isso mesmo, digno de maior reverência e prestígio.(OLIVEIRA,2007,p.149)

No entanto, o nagocentrismo nunca foi absoluto. Autores como Ruth Landes, nos anos 1967, já havia identificado e analisado a força de outras manifestações religiosas afro-brasileiras, como o candomblé de caboclo. Este paradigma responde à ausência de trabalhos e melhores compreensões da Cosmologia Bantu-Kongo no Brasil, uma vez que a hierarquização das tradições provoca um processo de redução de interesse pelos pesquisadores. Feita essa sobreposição entre as tradições, as pesquisas no campo da filosofia emergem sobre este mesmo contexto em um acervo com dimensões maiores referentes à cultura Yorubá do que por exemplo a da tradição do tronco linguístico Bantu-Kongo no Brasil até o século XX.

#### 4. TUKULA: ASPECTOS DA COSMOLOGIA BANTU-KONGO

"Pisa no chão devagar, terra alheia"  
- Canção de Capoeira Angola

Como conhecer um sistema de cultura e pensamento de maneira profunda sem conhecer uma língua? Essa pergunta é feita por Kimbwandende Kia Bunseki Fu-Kiau ainda na apresentação da primeira edição do livro que viria a ser publicado em 1980 sob o título *The African Book Without a Title* [O livro Africano sem título] direcionada aos antropólogos e até africanistas que realizaram estudos apressados sobre o pensamento africano. A obra foi reeditada, ampliada e republicada em 2001 como *Cosmologia Africana dos Bantu-Kongo: Princípios de Vida e Vivência*. Em suas primeiras palavras revela um dos princípios tradicionais da

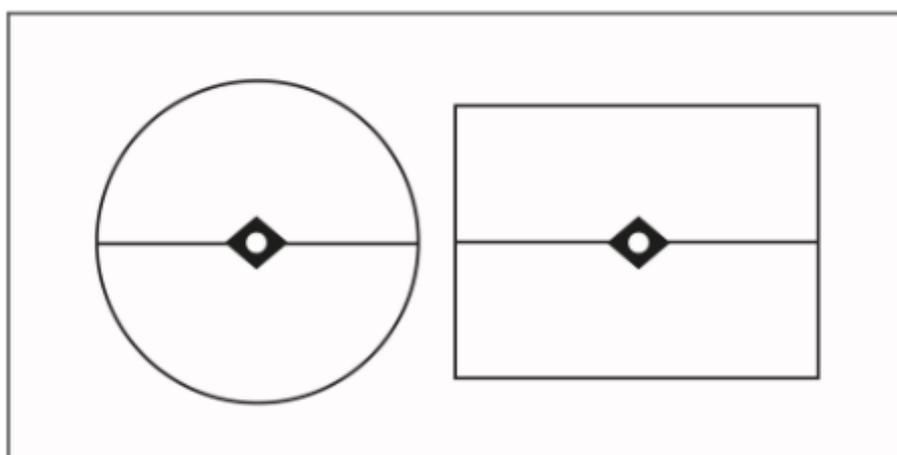
---

<sup>22</sup> Tese que o Eduardo de Oliveira consegue ampliar e aprofundar ao analisar as obras de Nina Rodrigues e seus discípulos sobre os parâmetros de hierarquização e suas consequências. (OLIVEIRA,Eduardo. A Ancestralidade na Encruzilhada: Dinâmica de uma tradição inventada.2007.)

Cosmologia Bantu-Kongo, a arte/conceito de *codificar e decodificar* [Kânga Ye Kutula Makolo] sistemas sociais humanos no mundo. Nascido em 1934, em Manianga, no antigo Zaire, hoje República Democrática do Congo (RDC), Fu-Kiau teve tanto uma carreira acadêmica relevante, nas áreas de Antropologia Cultural e Biblioteconomia, possuindo título de Phd em Desenvolvimento Comunitário e Educação nos Estados Unidos, assim como uma relevante trajetória ao iniciar-se em três escolas de pensamento tradicional Bantu (*Lémba, Khimba e Kimpasi*)<sup>23</sup>. Com ações em presídios, bibliotecas e centros culturais, além de palestras em universidades, Fu- Kiau também produziu um volume marcante de obras, em francês, inglês e kikongo, dentre as quais destaco algumas que analisamos para esta pesquisa: A visão Bântu Kôngo da Sacralidade do Mundo Natural(1991)<sup>24</sup>; Ntângu-Tându-Kolo: The Bantu Concept of time (1994)<sup>25</sup>; Kindezi: the Kôngo art of baby-sitting (2000)<sup>26</sup>; Self-healing power and therapy: old teachings from Africa (1991)<sup>27</sup>, demonstram a contemporaneidade do pensamento africano contrário à colonialidade e ao epistemicídio.

Para que o sistema de pensamento fosse apresentado de maneira íntegra, inicia do começo, *mapeando o universo*, no livro *Cosmologia Africana dos Bantu-Kongo: Princípios de Vida e Vivência*, dimensionando o caráter de multiperspectivas, das chamadas áreas do conhecimento, passando pela física, biologia, ciência política, direito e filosofia, demonstrando a forma como a amplitude cosmológica Bantu-Kongo é sofisticada. Através de gráficos o autor explica a formação do mundo e as etapas em que a vida foi formada.

**Fig.1- Mundo sem vida visível**



<sup>23</sup> Os dados de sua biografia e formação estão melhor descritos na tradução de Tiganá Santana(2019).

<sup>24</sup> Versão traduzida pela Educadora Valdina de Oliveira Pinto, Makota Valdina em 1991.

<sup>25</sup> Ntandu-Tandu-Kolo: O Conceito Bantu.Kongo do Tempo, traduzido por Mo Maiê em 2016.

<sup>26</sup> KINDEZI: A arte Kongo de Cuidar de Crianças, traduzido por Mo Maiê em 2017.

<sup>27</sup> Ainda sem tradução para o Português.

Extraído de (FU-KIAU,2001 apud SANTOS,2019,p.21)

Na figura acima, (Fig. 1) a linha reta no meio do círculo vazio [mbûngi] é entendida entre os Bantu-Kongo como o símbolo do vazio: o vazio visível (SANTOS,2019,p.20). Este símbolo retrata a etapa em que forças desconhecidas agem no vazio, quando uma partícula de fogo acende o vazio e detona uma intensa camada de projéteis em fusão. Essa partícula é chamada de *Kalunga* (FU-KIAU, 1969)<sup>28</sup>. E no processo de esfriamento dessa massa, da matéria em fusão formou-se o mundo [nza] com sua realidade visível partilhada em *Kalunga*, uma parte no plano terrestre outra, submergida nas águas e no mundo espiritual.

Kalunga, que também significa oceano, é um portal e uma parede entre esses dois mundos. [...]que não se pode medir; uma saída e entrada, fonte e origem da vida, potencialidades, o princípio deus-da-mudança, a força que continuamente gera. (FU-KIAU,2001 apud SANTOS,2019,p.22)

A vida surge então na terra diante de todas as maneiras e formas, animais, plantas, montanhas, insetos, fungos, seres humanos, mediada por *Kalunga*. Assim como as demais partículas permaneceram suspensas em uma dimensão superior, mas em movimento, e formou o que conhecemos hoje como sol[ntângu], lua[ngônda], estrelas[mbetete].

Para o ser humano bantu-kongo [Muntu] em particular no Kongo [Mukôngo], essa formação do universo em movimento de expansão é chamada de *processo do fogo cósmico em expansão* [Dingo-dingo dia mpiâya yayalanga] (Fu-Kiau, 1969, 1980, 1991). E que pode ser mapeado ao longo de três zonas: a) Planetas verdes ou que respiram, aqueles que possuem vitalidade fornecendo e sustentando a natureza após o estágio de resfriamento, como a terra, o mais antigo do sistema solar; b) Planetas cinza, ainda não possuem vida e estão no estágio de resfriamento como a lua; c) Planetas vermelhos/quentes, ainda representam o primeiro momento de fusão do processo de expansão, que pelo calor extremo não possuem forma definida<sup>29</sup>. Esse movimento cíclico da formação da vida é comum a todos os planetas através do cumprimento dos estágios do *cosmograma dikenga dia kongo* que são a interpretação do movimento aparente do sol e um dos princípios de maior impacto no sistema de pensamento Kongo, inclusive do entendimento que “o nascimento de uma criança é o nascer de um sol vivo” (FU-KIAU,2000 apud MO MAIÊ,2017,p.5).

---

<sup>28</sup> Nos livros de Ciência, ou de história conhecemos essa narrativa como a teoria do Big Bang, proposta por um missionário Belga Georges Lemaître a ideia de que o Universo surgiu a partir da desintegração de um núcleo radioativo instável. Cf. GLEISER, Marcelo. **A dança do universo: dos mitos de criação ao Big Bang**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>29</sup> A forma como estes planetas estão se movimentando em relação às suas zonas está representada em FU-KIAU,2001 apud SANTOS,2019,p.25.

Essa é uma gramática de interpretação de mundo, da formação do universo e necessariamente da interpretação dos ciclos temporais, que são quatro: *Musoni*, representado em amarelo, posicionado abaixo da linha horizontal, é o símbolo de todos os começos, a semente no caminho de tornar realidade física. No escopo social do *Mukongo*(ser humano Kongo), é o momento de formação de uma ideia na mente, conhecimento, ou quando um casal planeja uma família. *Kala*, na posição de surgimento do mundo ancestral para o físico (*Ku mpemba-Ku nseke*), é entendido como o estágio de resfriamento e início da vida dos primeiros seres. Entende-se, pela cor negra, este estágio como o desabrochar da criatividade e alegria através dos primeiros raios solares, por ser o instante do nascimento da criança. *Tukula*, o terceiro estágio, é o cume da formação dos processos dos planetas, o amadurecimento. Na cor vermelha, símbolo de liderança, crescimento e realização de sua própria história, ou de uma nação. É um estágio refletido socialmente e reconhecido como o “V” da vida, ao amadurecer com a força de um mestre [ngânga] para participar do destino de uma sociedade, instituição ou organização, todas as possibilidades futuras dependem de como as pessoas entram neste estágio. *Luvemba*, após completar o mais alto estágio do ciclo cósmico, o pôr do sol é inevitável. O fim da vida física, marca o início da vida espiritual do outro lado da muralha. A cor branca representa este estágio, que socialmente compreende o processo em que os líderes anteriores passam a liderança para outro representante. É o princípio de receber e liberar. Esse circuito de quatro estágios se dá de maneira contínua, em movimento espiral de transformação (FU-KIAU,1994 apud MO MAIÊ,2016,p.9).

O ser humano é kala-zima-kala, um ser-vivo-de-vida-e-morte. Um ser de movimento ininterrupto, através das quatro etapas de equilíbrio entre uma força vertical e uma força horizontal. (FU-KIAU,2001 apud SANTOS,2019,p.33)

**Fig.2- Cosmograma Kongo (*Dikenga Dia Kongo*)**

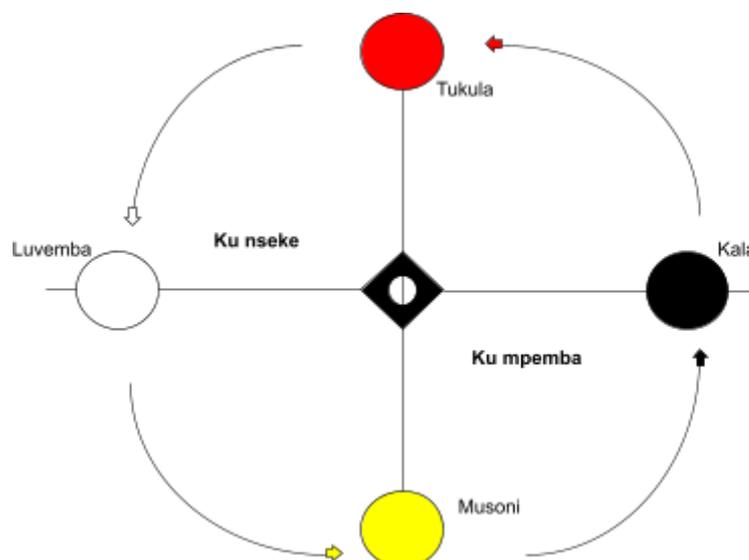


Diagrama do autor a partir das representações iniciais em (FU-KIAU,2001 apud SANTOS,2019,p.21)

À esta filosofia repleta de decodificações e chaves de entendimento, o cosmograma kongo foi o interesse condutor do encontro entre Fu-Kiau e o Mestre Cobra Mansa, então Mestre de Capoeira da Fundação Internacional de Capoeira Angola - FICA, nos Estados Unidos no início da década de 90. Momento em que já havia sido publicada a primeira versão da obra *O livro Africano Sem Título*, e o mestre percebia em sua obra e em palestras do Fu-Kiau aproximações entre a cultura e conhecimento bantu-kongo e a Capoeira Angola, da qual era mestre e criou a FICA. Desse encontro, gerou a vinda de Fu-Kiau ao Brasil para conhecer a Capoeira em 1996<sup>30</sup>. Na entrevista publicada na revista *Entre Rios* do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, o mestre cita o Fu-Kiau como um dos intelectuais importantes para a década de 90 e a popularização de perspectivas afro-referenciadas para a Capoeira Angola. Em um dos desdobramentos do encontro, o mestre defende tese de doutoramento em 2019 sobre as implicações de uma perspectiva filosófica do encontro da Capoeira Angola com a Cosmologia Bantu-Kongo. Ainda na entrevista o Mestre Cobra Mansa refere-se à filosofia bakongo como uma forma de classificação e definição da capoeira angola ao responder uma questão sobre o processo de classificação e definição da capoeira, visualizando isso como uma forma de enquadrar a capoeira e sintetizar o seus conhecimentos

“Ah, mas a capoeira é luta ou é dança ?” , e eu digo: “Pô não sei, você quer dançar, quer lutar ou quer brincar?” Isso vai depender do momento. Nossa necessidade de categorizar as coisas às vezes acaba prejudicando nosso conhecimento.<sup>31</sup>

Pensar em coisas que possam passear por outros sentidos para além de duas possibilidades de certo ou errado “assim ou assim” que não sejam lineares é um pouco difícil. Se olharmos para a origem desse pensamento binário, desde os processos de formação humana no sistema educacional ocidental como sendo um dos primeiros espaços de formação, nota-se uma lógica de produção de sentidos mediada pelas relações de poder. Foucault (2014) trata das relações de poder a partir de uma ruptura com concepções clássicas do termo para pensá-lo inscrito em todas as partes, não mais preso a uma instituição ou governante, o poder está em todas as

---

<sup>30</sup> BRITO, Celso de; GRANADA, Daniel; MARQUES, Matheus do Monte; NASCIMENTO, Ricardo. O "afrocentrismo" e as voltas que o mundo dá: entrevista com Mestre Cobrinha Mansa. *Revista Entre Rios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 122–128, 2020.

<sup>31</sup> *Ibid*,p.123.

relações. A partir disso, dimensiona mecanismos de força disciplinando e controlando indivíduos,

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’.  
(FOUCAULT, 2014, p. 133).

Quando contextualizamos essa relação de poder direcionada às práticas negras de cultura, língua e conhecimento o processo de assujeitamento é imensurável. Sueli Carneiro, uma grande estudiosa de Foucault, ao analisar as estratégias de sujeição escreve a obra *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*, destaca o conceito de epistemicídio como uma estratégia fundamental da dominação racial e étnica, ao negar e rebaixar a razão, a cultura e a civilização dos povos subjugados. Em diálogo também com Boaventura de Sousa Santos, refere-se que a destruição sistemática dos saberes se manifesta principalmente no campo educacional, começando na escola com mecanismos de exclusão e aniquilação cultural. A imposição da racionalidade ocidental cria assim um ambiente em que apenas a ciência eurocêntrica é considerada válida, marginalizando saberes indígenas, africanos e outras formas de conhecimento tradicional. Dessa forma, a autora evidencia que o epistemicídio não apenas subordina e silencia os grupos racializados, mas também empobrece a própria humanidade ao eliminar alternativas epistemológicas e limitar a diversidade de perspectivas sobre o mundo.

Destaco também, dentre os elementos do dispositivo de racialidade, as múltiplas interdições das pessoas negras que, além de serem assassinadas intelectualmente, são interdidas enquanto seres humanos e sujeitos morais, políticos e de direito. (CARNEIRO, 2023,p.13)

No contexto do Kongo, entre a década de 60 e 70 quando Fu-Kiau escreve *Makuku Matatu: os fundamentos culturais bantu entre os kongo*<sup>32</sup>, o continente africano está no centro dos processos de libertação e descolonização, entre eles o próprio Kongo, que conquista independência em 1960. Portanto, em seus escritos fotografa esse momento político e histórico das relações sociais e da realidade entre os *Mukongo*. Revela que desde o momento que o Congo tornou-se Congo Belga o povo<sup>33</sup> e as instituições tradicionais [Boko] foram sistematicamente atacadas e destruídas. E revela que um dos propósitos nesse contexto é salvaguardar os conhecimentos tradicionais:

---

<sup>32</sup> Obra ainda não publicada.

<sup>33</sup> Na obra *O fantasma do rei Leopoldo*, há registros que contabilizam cerca de 10 milhões de Congolezes assassinados entre 1885 e 1908.

A oposição ao colonialismo e à exploração levou o país a lutar e ganhar sua liberdade em 1960. O principal propósito do povo, no momento, era construir o país sobre tradicionais valores culturais positivos de todas as nossas particularidades regionais. Valores profundamente enraizados nas nossas organizações sociais, em nossas legislaturas tradicionais orais, fu-kia-nsi, sistemas sócio-estruturais nacionais. (FU-KIAU,2001 apud SANTOS,2019,p.47-48)

Talvez esse tenha sido um dos grandes motivos dos esforços de Fu-Kiau em sistematizar tantos conhecimentos, em tantas camadas que até os dias de hoje tentamos decodificar.

## **5. LUVEMBA: DIMENSÕES DO CUIDADO COMO DISPOSITIVO DE CURA PARA FORMAÇÃO DE VIDA**

As crianças para os Kongo carregam o sol ao nascerem e são celebradas porque há ali um novo ser, um novo elemento que percorrerá os ciclos do *cosmograma* e aquilo que foi recebido em ku mpemba (mundo espiritual), é devolvido para o ku nseke (mundo físico). Uma nova possibilidade de decodificar, de entender e desenvolver caminhos de cura para a comunidade. São a chegada de uma possibilidade de entender o desconhecido, as plantas que possam carregar substâncias que ainda não foram desvendadas e seu potencial de cura, por exemplo.

A atenção da vida da pessoa, ku nseke, está centrada no n’kisi (N), que é o elemento mais importante e central neste mundo. É a força-elemento que tem o poder de “kînsa”, radical de n’kisi, significando cuidar, curar, tratar, guiar por todos os meios, inclusive por cerimônia. O n’kisi cuida dos seres humanos em todos os seus aspectos de vida no mundo por ter um corpo material que requer cuidado através de n’kisi (remédio). (FU-KIAU,2001 apud SANTOS,2019,p.35)

O cuidado então é uma prática, que aciona a alteridade não para com o outro, mas enquanto se projeta no outro, na natureza, no sol, nas águas em compartilhamento circular-horizontal com a cura. É um entendimento de conhecer algo enquanto ferramenta de cura.

Em um estudo posterior à primeira edição de *O livro africano sem título*, Fu-Kiau publica uma obra chamada *O poder da Autocura e Terapia: Antigos ensinamentos da África*<sup>34</sup> que de modo geral é também uma obra inovadora que busca nos ensinamentos Kongo, inscritos na cosmologia bantu-kongo, o conhecimento de terapia e auto cura. No que conseguimos avançar em seu texto, ainda sem tradução para o português, nota-se que o conceito de tapia africana não se limita às intervenções médicas, mas inclui atividades do cotidiano como

---

<sup>34</sup> Originalmente: Self-healing power and therapy: old teachings from Africa,1991.

debate, conversa, brincadeira, ritual, dança, canto, massagem, narração de histórias e até simples gestos como um sorriso ou toque para restaurar o equilíbrio energético [ngolo] do indivíduo e da comunidade, pois a doença é vista como um estado de perda desse equilíbrio. Assim, a cura não se dá apenas no corpo físico, mas também na mente e espírito. Nesta obra o muntu é percebido como sendo o surgimento de um sol vivo que desencadeia para a comunidade as possibilidades de cura

Este sol vivo, dependendo do [lêndo kia tambukusu] ("poder energético") transmitido a ele no momento da concepção, é dotado ou nasce sem a plenitude do potencial de autocura [ngolo zandiakina] inato em qualquer ser humano, que constitui o poder de cura [lêndo kiandidkina] responsável por gerar eletricidade em todo o corpo humano. Essa eletricidade [n'cezi ou mayèmbo ma nitu] é uma chave para o [Dingo-dingo diandiakina] o processo de cura de um ser vivo.(FU-KIAU, 1991,p.8, tradução do autor)

Como um desdobramento dessa reflexão, *KINDEZI: A arte Kongo de Cuidar de Crianças* é publicada originalmente em 2000, na forma de transmissão de ensinamentos sociais-filosóficos para os membros mais jovens da comunidade. E também orientação da criança para as compreensões tradicionais do sistema de pensamento bantu-kongo e seus valores para a comunidade, só é possível para os povos do Kongo por causa desse entendimento terapêutico que se dá à prática de cuidar, ou melhor, do cuidado. Respeitar e cuidar da vida das crianças é um princípio fundamental no dingo-dingo (processo) de desenvolvimento infantil. Historicamente, o Kindezi existiu no prédio pré-colonial em decorrência das invasões e necessidade das mulheres estarem se armando, agora para combater as forças coloniais. Assim os mais velhos e a comunidade como um todo se responsabilizam pelo cuidado das crianças. Após isso, essa prática enfrenta diversos desafios após a colonização, e esses desafios são encarados pela pesquisa realizada por Fu-Kiau. Os valores do Kindezi para uma comunidade são multidimensionais, como evoca o provérbio Kongo, *Kindezi m'fuma mu kânda* (A arte de cuidar de crianças é como um baobá para a comunidade). Toda a humanidade tem suas raízes na infância. Para os Kongo, cuidar da infância, o período de maior proximidade dos mistérios do invisível(ancestral), de maior criatividade é uma arte sofisticada, porque é partindo disso que se determina a qualidade de uma sociedade/comunidade. É o cuidado praticado no kindezi que dinamiza o entendimento da vida humana como espiritual do valor inabalável do ser humano em cultivar a cura. O nascer de um novo sol, um sol vivo para a comunidade. E pra que essa comunidade desfrute do brilho contínuo desse sol é sua responsabilidade ajudar esse sol vivo a brilhar e crescer.

Os/as *ndezi* são os responsáveis por praticar essa arte. Diferente do entendimento de cuidadora que é forjado no Brasil<sup>35</sup> nas tensões coloniais a partir das mulheres negras escravizadas, chamadas de mucama<sup>36</sup>, o/a *ndezi* desempenha uma das mais altas responsabilidades e que futuramente será cuidado.

Kindezi, a arte de cuidar de crianças, é uma das mais importantes responsabilidades divididas tanto por mulheres quanto por homens em uma comunidade Africana. O provérbio seguinte, *Kindezi wasâdulwa; kindezi una sâdila* (Alguém cuidou de sua criança, você cuidará da criança de alguém), tornou-se um mote e pedra angular desta arte. (FU-KIAU,2000. apud MO MAIÊ,2017,p.7)

Outro grande nome do Brasil, ao ter contato direto com o Fu-Kiau e também da Bahia é o de Valdina de Oliveira Pinto, ou *Makota Zimewanga*, ou ainda *Makota*<sup>37</sup> Valdina. Foi educadora, militante negra, referência pela preservação e valorização do patrimônio cultural afro-brasileiro e tradutora do primeiro texto de Fu-Kiau para o português em 1991, *A visão Bantu-Kongo da Sacralidade do Mundo Natural*. E, em uma das vindas ao Brasil, Fu-Kiau conhece o terreiro de Candomblé nação Angola na qual ela fazia parte e durante um rito de pós-morte [mukondo] comenta com a Makota Valdina sobre como estava impressionado com a proximidade entre os ritos observados e a tradição Kongo, e ela sobre o que aprendeu ao conversar com o Fu-Kiau

Fu-Kiau foi e ficou sem entender por que a gente não falava kikongo, já que tudo ali que ele estava vendo era da tradição antiga do Congo. [...] O que me marcou foi ouvir que nkisi é essa essência que está aí para toda a humanidade, não só para nós; está aí na natureza. Quando se pergunta o que é a terra, o que é esse planeta Terra, ele diz: futu dia n'kisi diakânga Kalunga mu diambu dia moyo, quer dizer, “pacote de essências curativas — eu não diria remédio porque hoje a noção de remédio é tão negativa, dado que se toma remédio para uma coisa e causa-se outra doença — selada, codificada, amarrada por Kalunga com intenção de vida”. (SANTOS,2019.p232)<sup>38</sup>

Apesar de conservar algumas palavras nos rituais do Candomblé Angola, a questão sobre a prática da língua Kikongo de maneira mais presente, revela o processo violento que marca a tentativa de apagamento das culturas africanas, principalmente bantu-kongo. Tiganá Santana Neves Santos, responsável pela primeira tradução do livro de Fu-Kiau (*Cosmologia dos Bantu-Kono para o português*), produz reflexões a partir das obras de Fu-Kiau em torno da

<sup>35</sup> Sobre a relação do racismo e sexismo provocado pela subjugação das mulheres negras no Brasil, ver: GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo, p. 223-244, 1987

<sup>36</sup> Do Kimbundu *mu'kama* “amásia escrava”.

<sup>37</sup> Makota é o cargo religioso ocupado por ela no terreiro de candomblé Tanuri Junsara, de Nação Angola.

<sup>38</sup> Trecho da entrevista entre Tiganá Santana e Makota Valdina realizada em julho de 2018 anexado a sua tese de doutorado.(SANTOS,2019.p232)

linguagem que as sentenças proverbiais inscrevem para acessar o conhecimento filosófico dos Bantu-Kongo. Conhecimento esse que tem importância fundamental em *Kindezi*. E configura um dos elementos organizadores na experiência dos Candomblés de nação Angola como estaca Makota Valdina em seu livro *Meu caminhar, meu viver*

“Língua do angola”... ou seja, do candomblé de nação angola. Ela está contida nas rezas, nas cantigas dos n’kisi, nos cantos ritualísticos, no vocabulário e expressões usados, onde um misto de termos das línguas kikongo e kimbundo, sobretudo, mas acredito também que algum dialeto dessas línguas e/ou fragmentos de tantas outras línguas bantus compõem esse universo. (PINTO, 2015, p.151).

O cuidado de não deixar se perder as tradições cosmológicas Bantu-Kongo ao formar os próximos e a comunidade é também garantir a cura (*n’kisi*). A educação em *Kindezi* não é apenas um método ou conjunto de técnicas, mas uma Filosofia da Educação que se articula entre vida, história da comunidade e conhecimento cujo objetivo final é o equilíbrio mental, social, político e também espiritual. É um ato de responsabilidade que envolve o envolvimento criativo, de uma construção de gerações que crescem culturalmente saudáveis e possam crescer a comunidade de forma recíproca. O *Ndezi* que media o sol vivo acumprir os estágios da vida, aprende com o poder do “sol vivo”. O que me marcou foi ouvir que nkisi é essa essência que está aí para toda a humanidade, não só para nós; está aí na natureza. Quando se pergunta o que é a terra, o que é esse planeta Terra, ele diz: futu dia n’kisi diakânga Kalunga mu diambu dia moyo, quer dizer, “pacote de essências curativas — eu não diria remédio porque hoje a noção de remédio é tão negativa, dado que se toma remédio para uma coisa e causa-se outra doença — selada, codificada, amarrada por Kalunga com intenção de vida”. (SANTOS, 2019, p.233)

Se a *fratura banzística* é difícil de ser curada, o elo entre a cosmologia bantu-kongo e o processo de cura são perspectivas que carregam a potencialidade das dinâmicas negras de origem Kongo reformuladas no Brasil de maneira inquebrável. São práticas ligadas a produção de pessoa (KRENAK, 2022), são bases conceituais filosóficas constituídas de transmissão da língua, história, canções e explicações sobre o caminho da vida, o significado dos seus estágios de desenvolvimento (*musoni-kala-tukula-luvemba*) cujo objetivo é a cura. Os terreiros, os quilombos, as comunidades indígenas, a capoeira, o samba, o coco de roda, o congado, o maracatu, o frevo, todos esses espaços constituem corpos gramaticais de uma tradição africana de organização social, cultural e política que almeja a cura. Muniz Sodré, no livro *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira* destaca a dimensão reflexiva dos terreiros não apenas como um espaço geográfico de práticas religiosas de matriz africana, mas

em sua dimensão estruturante na organização social, cultural e política da população negra no Brasil.

Esta descrição superficial não se pretende demográfica, mas ilustrativa de uma poderosa condensação espaço-cultural, de uma reterritorialização operada pelo terreiro através do sagrado. [...] Pouco importa, assim, a pequenez (quantitativa) do espaço topográfico do terreiro, pois ali se organiza, por intensidades, a simbologia de um Cosmos. É uma África 'qualitativa' que se faz presente, condensada, reterritorializada. (SODRE,2002)

Portanto, é uma das formas de reterritorialização das línguas africanas, das culturas, dos costumes, dos princípios, das cosmologias e suas filosofias. Sendo assim, uma forma cultural das africanidades recriadas (OLIVEIRA,2007) e atuantes na formação humana que como nas matrizes Congo-Angola, organizadas com base em suas tradições cosmológicas, solarizam o *mntu* ao seu brilho máximo (cura).

A gente vive o tempo todo num processo de autocura e interagindo com outras, curando e sendo curado. Capoeira, samba, candomblé. A gente tá interagindo, a gente tá em processo de cura. Por mais que a gente diga que estamos bem e saudáveis e que não precisamos de remédio, mas a gente vive em um ambiente doente. Todo ambiente que tem injustiça, que tem discriminação, exclusão é um ambiente doente. Isso é um desequilíbrio. É a falta do equilíbrio do kalunga, a linha de equilíbrio entre ku nseke e ku mpemba. Bantu é pessoas, então não é só africano, ou Congo, Angola. É qualquer parte do mundo. O elo é inquebrável, o elo invisível faz com que os muntu se encontrem.(VALDINA,2018<sup>39</sup>)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou realizar reflexões sobre os aspectos fundamentais do pensar *Bantu-Kongo* referentes ao entendimento de Cura [N'kisi] como elemento filosófico, organizador da cosmologia entre os *Kongo*, para a conceituação de uma Filosofia do Cuidado [Kisalu] em consonância com pensador congolês Bunseki Fu-Kiau. Apesar dos instrumentos sofisticados do racismo epistêmico e da fratura banzística que acompanha a experiência das pessoas negras africanas e seus descendentes nas américas e no Brasil, o combate à exclusão, a injustiça, ao racismo e questões como a emergência climática são cruciais para a gestão autônoma da vida. Estamos falando então de uma reorganização não só ontológica, que pensa

---

<sup>39</sup>Trecho de uma entrevista realizada em 2018, Disponível em: <https://youtu.be/ButRXLqFqnw?si=AjT8US88CEVFj9PO> .

apenas no ser, mas uma reorganização ampla que esteja em reconhecimento do *dingo-dingo*(processo) mútuo de biointeração(BISPO,2015).

Portanto, a Filosofia do Cuidado possibilita entender que o processo de educar não é apenas ensinar conteúdos acadêmicos, mas construir mundos possíveis em que a produção autônoma de cosmovisões é inerente relacionada aos processos de cura. A partir de uma perspectiva Bantu-Kongo e afro-referenciada, nos convida a repensar as formas como o conhecimento é produzido, compartilhado e legitimado. Ao valorizar, desde sua cosmologia o entendimento de aspectos filosóficos como uma encruzilhada(RUFINO,2019) de encontro e de criação, desafia a rigidez do pensamento único e nos encoraja a buscar novas formas de existir, aprender e ensinar. Assentada na diversidade de saberes, na oralitura(MARTINS,2021) e na ancestralidade, ensejamos neste trabalho detalhar que apesar do banzo, existem perspectivas encorajadoras para o combate às injustiças cognitivas e sociais. A exclusão das perspectivas Bantu-Kongo e de determinadas formas de conhecimento do currículo acadêmico, escolar e social não é um mero acaso, mas um projeto de poder que perpetua desigualdades raciais e sociais. Reverter esse quadro exige uma educação que reconheça a legitimidade dos saberes afro-diaspóricos e indígenas, ao ampliar espaços de aprendizagem que acolham a multiplicidade de experiências Bantu-Kongo.

Sendo assim, a importância de intelectuais, capoeiristas e lideranças de comunidades de matrizes africanas na conservação e transmissão desses saberes é fundamental para que nossas crianças possam saber, conhecer e desfrutar de chaves de pensamento que não estão no alicerce ocidental. Construir relações a partir da sublime forma de pensamento sistematizado por Fu-Kiau é uma possibilidade que se abre a nós enquanto pensadores e pensadoras da academia que acionam os saberes africanos para dar conta das adversidades e contratempos da diáspora. É fazer com que o tempo-sol [ntângu] esteja em comunhão com o modo circular horizontal da vida. Onde as pessoas e os ambientes são peças únicas e solares que carregam a cura [n'kisi]. Sendo assim, a dimensão do Cuidado enquanto um conceito central para trazer de volta o poder energético [ngolo], a vitalidade solar das pessoas negras em diáspora, no banzo, implica uma tomada de decisão comunitária de responsabilidade para/com as sementes do futuro, as crianças. Lidar com a espiritualidade, a comunidade em harmonia com a natureza, acionando os saberes, conhecimentos, história e a língua que nos foram brutalmente apagadas é também uma responsabilidade do cuidado. Assim, as conexões aqui feitas entre o pensamento africano, pensamento indígena e negros brasileiros manifestam-se numa ideia circular bantu-kongo em que as pessoas chegam ao mundo como um sol vivo e podem

intervir nele a partir de Kindezi (A arte de cuidar de uma criança) construindo uma perspectiva pluriontológica nos caminhos de *Tukula* (mais alto estágio de criatividade e conhecimento) numa simetria dos aspectos do Cuidado.

## REFERÊNCIAS

APPIAH, Kwame A. Na casa do meu pai: África na filosofia da cultura. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BISPO, Antônio. Colonização, Quilombos: modos e significados. Brasília/ DF: INCTI/UNB, 2015. Racial.

BRITO, Celso de; GRANADA, Daniel; MARQUES, Matheus do Monte; NASCIMENTO, Ricardo. O "afrocentrismo" e as voltas que o mundo dá: entrevista com Mestre Cobrinha Mansa. Revista Entre Rios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 122–128, 2020.

CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de Racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

Fanon, F. Racismo e cultura. In M. R. Sanches (Org.), *Malhas que os impérios tecem: Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais* (pp. inicial-final). Lisboa: 70. 2011

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. 42 ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FOURSHEY, Catherine; GONZALES, Rhonda; SAIDI, Chistine. África bantu de 3500 a.C até o presente. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

FU-KIAU, Kimbwandende Kia Bunseki. A visão bantu kongo da sacralidade do mundo natural. Tradução de Valdina O. Pinto. Associação Cultural de Preservação do Patrimônio Bantu–ACBANTU Comunidades Organizadas da Diáspora Africana–Rede KÔDYA. Parceria Fome Zero, n. 067, 1991.

FU-KIAU, Kimbwandene Kia Bunseki. Self-healing power and therapy: old teachings from Africa, 1991.

FU-KIAU, K.K.B.; LUKONDO-WAMBA, A.M. Kindezi: A Arte Kongo de Cuidar de Crianças. Traduzido por Mô Maie. Terreiro de Griôs. 2017. Disponível em: <<http://terreirodegriots.blogspot.com/2017/09/kindezi-arte-kongo-de-cuidar-de.html>> Acessado em 10/07/2024.

GLEISER, Marcelo. A dança do universo: dos mitos de criação ao Big Bang. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HALL, S. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2006.

HOUNTONDJI, Paulin. Sobre a “filosofia africana”: Crítica da etnofilosofia. Zahar; 1ª edição, 2024.

Klieman, Kairn A.. “The Pygmies were our compass”: Bantu and Batwa in the history of west central Africa, early times to c. 1900 CE. Portsmouth (N .H.) : Heinemann.2003

KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2022

LOPES, Nei. Bantos, malês e identidade negra. 4 ed. rev. e atual. - Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MARTINS, L. M. Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021

MBEMBE, A. Crítica da Razão Negra. Lisboa: Antígona, 2013. Tradução de Marta Lança.

MUDIMBE, V. Y. A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Lisboa: Mangualde: Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.

NASCIMENTO, Abdias do. O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NGOENHA, Severino. Filosofia Africana: das independências às liberdades. Maputo: Edições paulinas, 1993.

NJERI, Aza. Amor: um Ato Político-Poético. In SANTOS, Franciele Monique Scopetc dos; CORRÊA, Diogo Silva (Orgs.), Ética e filosofia: gênero, raça e diversidade cultural. (pp. 43-74). Editora Fi. 2020.

NOTEN, F.Van. A África central. Colaboração de D. Cohen e P. de Maret. In: MOKHTAR, Gamal et. AL. História geral da África, II: África antiga. 2.ed.rev. Brasília: UNESCO, 2010. p.693

OLIVEIRA, Eduardo David de. A ancestralidade na encruzilhada. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 18: maio-out/2012, p. 28-47.

PINTO, Valdina. Meu caminhar, meu viver. 2.ed. Salvador: SEPRMI / EGBA, 2015.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*- Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. *A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de Estudos da Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2019.

SILVA, Vagner Gonçalves da et al. *Através das águas: os bantu na formação do Brasil*. ( Coleção Viramundo). Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, 2023.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Salvador: Imago, 2002.

TEMPELS, R. P. Placide. *Filosofia Bantu*. Tradução de Amélia A. Mingas e Zavoni Ntongo. Luanda (Angola): Edições de Angola, Faculdade de Letras da UAN, 2016.

VANSINA, Jean. *O reino do Congo e seus vizinhos*. In: OGOT, Bethwell A. (Ed.). *África do século XVI ao XVIII*. Brasília: UNESCO, 2010. p. 647-694. (História geral da África, V).